

# **Trabalho de Conclusão de Curso**

**Odontologia para pessoa com deficiência:  
percepção de estudantes sobre a participação  
em atividade de extensão.**

**Érica de Jesus**



**Universidade Federal de Santa Catarina  
Curso de Graduação em Odontologia**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM ODONTOLOGIA**

Érica de Jesus

**ODONTOLOGIA PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA:  
PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES SOBRE A PARTICIPAÇÃO  
EM ATIVIDADE DE EXTENSÃO.**

Trabalho apresentado à Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a conclusão do Curso de Graduação em Odontologia

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Alessandra Rodrigues de Camargo

Co-orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ana Lúcia Schaefer Ferreira de Mello

Florianópolis

2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Jesus, Érica de

Odontologia para pessoa com deficiência:  
percepção de estudantes sobre a participação em  
atividade de extensão. / Érica de Jesus ;  
orientador, Alessandra Rodrigues de Camargo,  
coorientador, Ana Lúcia Schaefer Ferreira de Mello,  
2019.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Ciências da Saúde, Graduação em Odontologia,  
Florianópolis, 2019.

Inclui referências.

1. Odontologia. 2. Pessoas com deficiência. 3.  
Saúde bucal. 4. Educação superior. I. Camargo,  
Alessandra Rodrigues de. II. Mello, Ana Lúcia  
Schaefer Ferreira de. III. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Graduação em Odontologia. IV. Título.

Érica de Jesus

**ODONTOLOGIA PARA PESSOA COM DEFICIÊNCIA:  
PERCEPÇÃO DE ESTUDANTES SOBRE A PARTICIPAÇÃO  
EM ATIVIDADE DE EXTENSÃO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de Cirurgiã Dentista e aprovado em sua forma final pelo Curso de Odontologia.

Florianópolis, 21 de maio de 2019.

---

Prof. Dr. Rubens Rodrigues Filho  
Coordenador do Curso

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alessandra Rodrigues de Camargo  
Orientadora  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Me. Mariáh Luz Lisboa  
Membro  
Universidade Federal de Santa Catarina

---

Prof.<sup>a</sup> Me. María del Rosario Núñez Ruiz  
Membro  
Universidade Federal de Santa Catarina

Este trabalho é dedicado à minha família, em especial aos meus amados pais, Euclesio de Jesus e Regina Zavarise de Jesus, à minha querida irmã Julia de Jesus, à minha mãe de coração Maria Dirce Cittadin e ao meu companheiro de vida Gabriel Brüning, que são meu alicerce.

## AGRADECIMENTOS

A **Deus**, por guiar meus passos e direcionar minhas escolhas pelo caminho do bem e da verdade.

À minha família, especialmente aos meus pais, **Euclesio** e **Regina**, por serem sempre meu apoio, minha fortaleza, meu refúgio. Por terem dedicado suas vidas e seu amor à mim e minha irmã. Por nunca deixarem faltar caráter e coragem para buscar meus sonhos.

À minha irmã **Julia**. Por ser meu exemplo de determinação e coragem. Por ser guia da minha jornada profissional, sempre incentivando minha evolução, com muito amor e uma pitada de genialidade.

À **Tata**, por me amar e cuidar como sua própria filha. Por ter me mostrado o verdadeiro amor, sem esperar nada em troca.

A meu namorado **Gabriel**, por ser acima de tudo, meu melhor amigo. Por ter resgatado minha simplicidade de sorrir para a vida. Por estar sempre ao meu lado, nessa constante evolução.

Ao meu querido primo **Renan**, por ter disponibilizado seus conhecimentos e seu tempo na revisão desse trabalho.

Aos meus amigos, **Carolina, Cleber, Heitor, Júlio, Letícia, Lídia, Sara e Tayná**, pela verdadeira amizade que perdura há anos. Por estarem sempre me incentivando e me dando forças para buscar meus sonhos. Sempre presentes em minhas conquistas e dividindo minhas vitórias.

Às minhas amigas **Débora, Gisele, Tayná e Thais** que dividiram comigo não só os cinco anos de graduação, mas também suas vidas, seus corações e suas histórias. Em especial à minha dupla **Tay**, por todo conhecimento compartilhado, toda a paciência, dedicação e amor. Sem essas parcerias o título de cirurgiã-dentista ao final dessa jornada não teria tanto encanto.

Aos meus colegas da graduação, **turma 2014.2/2019.1**, pelo companheirismo, conquistas e alegrias comemoradas.

Às professoras **Alessandra** e **Ana Lúcia**, por terem aceitado o convite de estarem comigo nesse projeto. Por terem dedicado seu tempo e atenção à mim e a elaboração deste trabalho. Por serem tão doces e amáveis no exercício da profissão que escolheram.

Aos **estudantes** participantes da pesquisa, pela colaboração à execução desse trabalho e pelo interesse aos atendimentos à população com necessidades especiais.

E por fim, aos professores, alunos, residentes, estagiários, voluntários, funcionários e colaboradores do Ambulatório de Atendimento para Distúrbios Neuropsicomotores – HU/UFSC por sua dedicação e atenção ao serviço e pela disseminação de seus conhecimentos com toda a equipe. Em especial à professora **Mariáh**, por desempenhar tão magistralmente sua função, sem perder a doçura.

Meu muito obrigada!

“Ninguém caminha sem aprender a caminhar,  
sem aprender a fazer o caminho caminhado,  
refazendo e retocando o sonho pelo qual se  
pôs a caminhar”.

(Paulo Freire)



## RESUMO

O Núcleo de Odontologia Hospitalar do Hospital Universitário Polydoro Ernani de São Thiago, da Universidade Federal de Santa Catarina, desenvolve o projeto de extensão Ambulatório de Atendimento para Distúrbios Neuropsicomotores, também vinculado ao Curso de Odontologia. O objetivo desse estudo foi compreender a percepção de estudantes de odontologia que, no primeiro e segundo semestre de 2018, participaram nesse projeto de extensão, situado no campo de conhecimento da Odontologia para Pessoa com Deficiência (PCD), especialmente em relação ao impacto que tal projeto exerceu sobre sua formação profissional e pessoal. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, da qual participaram 12 alunos, que responderam a dois questionários por escrito. Os dados foram analisados pela técnica de Análise de Conteúdo. Como resultados, foram obtidas duas dimensões de análise: a perspectiva do PCD e a perspectiva do estudante de graduação em odontologia. A primeira integrou a aproximação com as especificidades do atendimento odontológico aos PCD; angústia do aluno frente ao PCD; e humanização do cuidado ao PCD. A segunda integrou a ampliação das oportunidades profissionais; contribuição da extensão na formação do aluno de graduação; e o que o aluno leva para a vida. A participação dos estudantes no projeto agregou experiência teórica e clínica ao currículo regular desenvolvido na graduação. Houve perceptível melhora na confiança e no conforto para a atuação odontológica. Além disso, a participação no projeto desenvolveu seu olhar crítico em relação ao PCD e trouxe aptidão para o atendimento clínico dessa população após a formação na graduação.

**Palavras-chave:** Pessoas com Deficiência. Saúde Bucal. Educação Superior.

## **ABSTRACT**

The Center for Hospital Dentistry of the University Hospital Polydoro Ernani de São Thiago, part of the Federal University of Santa Catarina, undertakes a science outreach project called Ambulatory Attendance to Patients with Neuropsychomotor Disorders, also associated to the university's undergraduate course of Dentistry. The present study aims to comprehend the perception of Dentistry students who have taken part in the aforementioned outreach project, located within the knowledge domain of Dental Care for Patients with Special Needs (PSN), particularly regarding its impact on their professional and personal formation. 12 students have participated in this quantitative research by answering to a written survey. The data were then analyzed through the Content Analysis technique. Two analysis dimensions have been thus obtained: the perspective of the PSN and the perspective of the Dentistry undergraduate student. The first dimension referred to: the first approach of the student concerning the specificities of the dental care of PSN; the anxiety of the student while facing PSN; and the humanization at the attendance to PSN. The second dimension referred to: the increase in professional opportunities; the project's contribution to the formation of the undergraduate student; and what such students have brought along after their participation in the project. It is shown that the students' participation in the project has complemented the regular curriculum implemented throughout the undergraduate course with theoretical and clinical experience. Improvements regarding confidence and comfort at dental care service can also be identified. This experience has furthermore developed the critical perspective of the students towards PSN, as well as their ability to clinically attend to this population after their graduation.

**Keywords:** Persons with Disabilities. Oral Health. Higher Education.

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CDPD – Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

DNPM – Distúrbios Neuropsicomotores

HU/UFSC – Hospital Universitário/Universidade Federal de Santa Catarina

IES – Instituição de Ensino Superior

NOH – Núcleo de Odontologia Hospitalar

OPCD – Odontologia para Pessoa com Deficiência

OPNE – Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais

PCD – Pessoa com Deficiência

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

## SUMÁRIO

1	Introdução .....	13
2	Método .....	16
2.1	Delineamento da pesquisa.....	16
2.2	Local .....	16
2.3	Participantes.....	16
2.4	Coleta de dados .....	17
2.5	Análise de dados .....	17
2.6	Aspectos éticos.....	18
3	Resultados.....	18
3.1	Perspectiva da pessoa com deficiência .....	19
3.2	Perspectiva do aluno .....	28
4	Discussão .....	37
5	Conclusão.....	41
	Referências.....	42
	Apêndice A - Questionário pré projeto de extensão .....	46
	Apêndice B - Questionário pós projeto de extensão .....	47
	Anexo A - Ata de apresentação do trabalho de conclusão de curso.....	48
	Anexo B - Comitê de ética em pesquisa .....	49

## 1 INTRODUÇÃO

As universidades brasileiras, públicas e privadas, seguem a Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002, que orienta a elaboração da matriz curricular dos Cursos de Graduação em Odontologia em todo o país. O documento institui as diretrizes curriculares nacionais e prevê uma formação integral, ancorada nas ações de ensino, pesquisa e extensão. A Resolução considera e estimula a realização de ações de extensão, sob supervisão docente, um mecanismo da aprendizagem discente (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2002).

A implementação desta nova estrutura curricular possibilitou a abertura de espaços para que os estudantes desenvolvessem atividades optativas de pesquisa e extensão de acordo com seu interesse pessoal e/ou profissional (SILVEIRA; GARCIA, 2015). Em geral, as ações de extensão universitária viabilizam a interação entre estudante e sociedade, na busca pela compreensão da realidade social. Nesse contexto, impulsiona a construção do conhecimento científico relevante e com impacto social (MARTINS, 2009). Além disso, as atividades de extensão podem ser ferramentas de mudança nos estudantes, propiciando mais segurança e familiaridade com procedimentos próprios da sua conduta profissional (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

As atividades de extensão têm como objetivo produzir transformações no contexto social de modo a contribuir para a melhoria da qualidade de vida da população. Na área da saúde, tradicionalmente, promovem um aprendizado teórico-prático, contextualizado, com populações e grupos mais vulneráveis com condições de vida e saúde singulares e com dificuldade de acesso à informações e serviços (NUNES, 2011).

Nessa situação encontra-se a Pessoa com Deficiência (PCD). Esses são indivíduos que demandam de cuidados específicos, sendo momentâneo ou por toda sua vida. Cabe ao cirurgião-dentista optar pela melhor abordagem terapêutica frente aos distintos grupos de doenças. A Odontologia para Pessoa com Deficiência (OPCD) assiste doenças genéticas e/ou adquiridas, sendo elas: distúrbios motores neurológicos (síndrome de Down, paralisia cerebral), doenças sistêmicas crônicas (diabetes melito, doenças cardíacas, hipertensão arterial sistêmica), doenças onco-hematológicas (leucemia, linfoma), doenças infecciosas (HIV, hepatite B ou C), incapacidade física (paraplegia, hemiplegia), doenças sensoriais (deficiência auditiva e visual), doenças adquiridas (rubéola, tuberculose) (POLLI *et al.*, 2016).

A saúde bucal da PCD é sabidamente prejudicada por maior prevalência de algumas doenças bucais devido a fatores imunitários, ou por questões financeiras ou, ainda, por questões inerentes a própria doença. Todavia, esses pacientes são uma parcela significativa da população que possui acesso dificultado aos tratamentos odontológicos necessários (JACOMINE *et al.*, 2018)

O censo demográfico de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) analisou a deficiência baseando-se na auto-percepção do indivíduo de enxergar, ouvir ou locomover-se e existência de deficiência mental ou intelectual. Os dados apontam que 45.606.048 milhões de pessoas autodeclararam-se ter pelo menos uma das deficiências investigadas, o que corresponde a 23,9% da população brasileira. Desses, 26,5% são mulheres (25.800.681 mulheres), enquanto 21,2% são homens (19.805.367 homens). Tendo maiores porcentagens na faixa etária entre 40 a 59 anos (IBGE, 2010).

A Pesquisa Mundial da Saúde realizada entre os anos de 2002 a 2004, estima que a prevalência da população com deficiência entre 18 ou mais nos 59 países pesquisados seja de 15,6%, correspondendo a 650 milhões de pessoas. Dos quais, 18,0% encontram-se em países de baixa renda. Ao passo que os dados sobre a Carga Global de Doenças de 2004, aponta que 15,3% da população mundial, cerca de 978 milhões de pessoas apresentam algum grau de deficiência moderada ou grave (OMS, 2011).

A Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD) de 2012 determina os direitos civis, culturais, sociais e econômicos das PCD e tem como objetivo “promover, proteger, e garantir o usufruto pleno e igualitário de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por parte das pessoas com deficiência e promover o respeito pela sua dignidade inerente”. Em seu artigo 25 assegura que o Estado tem o dever de garantir ao PCD acesso aos serviços de saúde e que os mesmos, tenham direito ao melhor estado de saúde possível (CDPD, 2012).

Após a CDPD entrar em vigor a deficiência passou a ser gradualmente considerada uma questão de direitos humanos. Entretanto, até o dado momento, muitas PCD não dispõem de cuidados pessoais, acesso a cuidados e equipamentos, educação, emprego, atividades sociais, e modificações nas suas casas ou em seus locais de trabalho, além de possuírem piores condições socioeconômicas e pobreza do que pessoas não deficientes (OMS, 2011).

Previtali (2012) analisa em seu estudo 628 prontuários de PCD atendidos na Universidade Cruzeiro do Sul, demonstrando que a dor foi

o principal motivo de consulta, correspondendo a 22,6% dos casos. Os tratamentos odontológicos realizados representam 54,1% de tratamentos restauradores, 42,2% periodontais, 33,1% cirúrgicos e apenas 16,6% endodônticos. O estudo aponta as faltas (mais de três consecutivas sem justificativa), resolução da queixa principal, falta de interesse do paciente e/ou família, dificuldade de transporte até o atendimento e dificuldades econômicas como principais motivos de desligamento do paciente ao tratamento odontológico.

No Brasil, a área da OPCD foi reconhecida como uma especialidade pelo Conselho Federal de Odontologia no ano 2001. Desde então, houve um aumento significativo no número de instituições de ensino superior que passaram a viabilizar este conteúdo por meio da oferta de disciplinas específicas (PENHA *et al.*, 2018). Estudo de Fassina (2006) apontou que 56% das universidades brasileiras que participaram da pesquisa possuíam o conteúdo de OPCD; 70% destas eram obrigatórias e a maioria de natureza teórico-prática. Não foram localizados dados na literatura informando de forma consolidada dados sobre ações de extensão com foco no PCD, especialmente na área da odontologia.

Entretanto, a literatura tem apresentado o impacto para os estudantes ao participarem de atividades de ensino e de extensão, durante a sua formação profissional.

Ferreira *et al.* (2017) relataram uma transformação positiva na experiência acadêmica de estudantes do curso de Odontologia da Universidade Luterana do Brasil (ULBRA), que participaram de atividade de extensão na área da OPCD. Houve ampliação de conhecimentos científicos, técnicos e humanos. O estudo de Perusini *et al.* (2016), com estudantes canadenses, considerou a experiência em clínicas odontológicas de PCD valiosa e acima de suas expectativas. Uma vez formados, os alunos participantes demonstraram interesse ao atendimento as PCD.

O presente estudo tem como objetivo compreender a percepção de estudantes de odontologia sobre a participação em atividade de extensão, no campo de conhecimento da OPCD, especialmente o impacto na sua formação profissional e pessoal.

## **2 MÉTODO**

### **2.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA**

O tipo de pesquisa empregada neste estudo é de caráter exploratório, descritivo, de abordagem qualitativa.

### **2.2 LOCAL**

O cenário no qual foi desenvolvida esta pesquisa foi o curso de graduação de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especificamente, trata-se da ação de extensão intitulada “Ambulatório de Atendimento para Distúrbios Neuropsicomotores (DNPM)” realizada no Núcleo de Odontologia Hospitalar do Hospital Universitário (NOH/HU) Polydoro Ernani de São Thiago, no município de Florianópolis. O projeto de extensão propõe a criação de um campo de estágio para alunos de graduação e pós-graduação na área da saúde para o desenvolvimento de habilidades e competências no atendimento odontológico ambulatorial de pacientes com diagnóstico DNPM, por meio de técnicas de treinamento psicoeducacional. A extensão ainda consta de uma visita em centro cirúrgico para acompanhamento de um atendimento odontológico sob anestesia geral, totalizando 76 horas para a realização semanal do projeto.

O projeto de extensão encontra-se ativo desde o ano de 2017. Como pré requisito para participação, alunos extensionistas devem ter cursado a Disciplina teórica de Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais (OPNE), obrigatória na matriz curricular da UFSC, ofertada na oitava fase do curso.

### **2.3 PARTICIPANTES**

Foram considerados a participar deste estudo estudantes de odontologia que participaram da atividade de extensão para PCD no primeiro e segundo semestre de 2018.

A inclusão dos participantes da pesquisa foi realizada por amostragem intencional. Este tipo de amostragem consiste na escolha, por parte do pesquisador, dos elementos que comporão a amostra, ou seja, ele delibera quem são os sujeitos que integrarão seu estudo, tendo a liberdade de escolher entre aqueles que, de acordo com a sua visão, cumpram com as informações sobre os assuntos que ajudarão à pesquisa (TURATO, 2003).



Utilizou-se como critério de inclusão para a seleção dos participantes: cursar o nono período do curso de graduação em odontologia da UFSC e responder os questionários inicial e final ao projeto de extensão solicitado.

Como critério de exclusão foram considerados os participantes que não responderam os questionários correspondentes a uma ou ambas etapas da pesquisa.

Os estudantes foram convidados a participar por meio de um questionário que foi enviado pela pesquisadora principal. No total participaram 12 estudantes.

## **2.4 COLETA DE DADOS**

Os dados foram coletados por meio de um formulário que continha um questionário aberto, a ser respondido pelo estudante, anonimamente, por escrito, individualmente. O questionário foi aplicado pela coordenadora do projeto no período de março à dezembro de 2018.

O questionário aplicado no início do projeto de extensão abordou as expectativas em relação aos atendimentos as PCD considerando a heterogeneidade dos DNPM, as preocupações frente aos atendimentos odontológicos e graduação do nível da expectativa/preocupação para atuar no projeto.

O questionário realizado ao final do projeto de extensão abordou a experiência adquirida com os atendimentos odontológicos, quais foram os aspectos positivos vivenciados e o nível de conforto e preocupação pela realização de atendimentos durante o projeto.

O roteiro de questões encontra-se nos Apêndices A e B.

## **2.5 ANÁLISE DE DADOS**

O método adotado para o análise de dados foi à técnica de Análise de Conteúdo.

Seguindo o método, a análise textual é feita em três etapas: (a) a pré-análise, (b) a exploração do material e (c) o tratamento dos resultados, com inferência e interpretação.

Durante a pré-análise, ou fase de organização dos dados, é realizada o que no método se designa como “leitura flutuante” dos dados brutos. Em seguida, são apreciadas as respostas textuais pertinentes ao objetivo da pesquisa. Também durante a pré-análise emergem os indicadores/temas a serem utilizados na fase de exploração do material.

A fase de exploração do material consistiu nas operações de codificação e categorização do conteúdo textual. Codificação é a transformação dos dados brutos (unidades de registro ou significação) em temas. A categorização é a operação de classificação dos temas por semelhança ou diferenciação e que resulta na composição de categorias. Os dados foram analisados e agrupados conforme a natureza das informações.

Por último, foram realizadas inferências e interpretações sobre os dados já tratados, analisando qualitativamente os temas e categorias, bem como suas inter-relações.

## **2.6 ASPECTOS ÉTICOS**

Este estudo seguiu as diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos que compõem a Resolução 466/2012. O projeto desenvolvido é parte de um macroprojeto de pesquisa, que foi inserido na Plataforma Brasil no final de janeiro de 2015 e por tanto encaminhado para a Secretaria de Estado da Saúde de Santa Catarina/SES, sendo aprovado no dia 12 de março de 2015, com número do parecer: 984.051 (Anexo A).

Todos os aspectos éticos relativos à pesquisa com seres humanos foram respeitados. Os dados obtidos foram utilizados exclusivamente em produções acadêmicas, como apresentação em eventos e publicações em periódicos científicos.

Na descrição dos resultados os participantes foram designados pela letra “E” seguidos dos números (1 a 12).

## **3 RESULTADOS**

Participaram do estudo 12 estudantes, 9 do sexo feminino, com idade média de 23 anos (27-22 anos), com aproximadamente quatro anos e meio de formação acadêmica e previamente cursado a disciplina regular de OPNE ofertada pelo curso de graduação de odontologia da UFSC.

Os resultados foram organizados em duas dimensões, uma relacionada à perspectiva da PCD e outra à perspectiva do estudante de graduação em odontologia. A primeira integrou 3 categorias: aproximação com as especificidades do atendimento odontológico as PCD; angústia do aluno frente a PCD; e humanização do cuidado a PCD. A segunda integrou outras 3 categorias: ampliação das

oportunidades profissionais; contribuição da extensão na formação do aluno de graduação; e o que o aluno leva para a vida.

A seguir são apresentados os resultados por categoria de análise, juntamente com alguns textos ilustrativos.

### **3.1 DA PERSPECTIVA DO PCD**

#### **Categoria: Aproximação com as especificidades do atendimento odontológico as PCD.**

Nesta categoria descrevem-se as informações que estão relacionadas ao primeiro contato prático de atendimento as PCD. Os participantes relataram ter sido uma experiência muito importante para sua formação profissional, por terem desenvolvido habilidades técnico-clínicas. Ganho de agilidade laboral ao atuarem em um ambiente estressor, incomum ao que já haviam atuado nas clínicas da graduação e por terem vivenciado clinicamente o conhecimento teórico anteriormente ministrado na disciplina obrigatória de OPNE ofertada no curso de graduação.

Minhas expectativas são altas pelo projeto, uma vez que é uma oportunidade para desenvolver algumas habilidades técnicas-clínicas, o relacionamento e cuidado com o paciente que apresentam condições únicas. (E7)

Aprendi a atender em condições em que o paciente não é 100% colaborador, com uso de afastador, com língua em constante movimento, com barulho, a prever onde o paciente pode sentir dor mesmo não falando ou esboçando muitas reações, perdi o medo de atender pacientes com alguma deficiência, em cadeira de rodas, fazendo uso de medicamentos “incomuns”. (E5)

Creio que trará experiências que agregarão muito, principalmente quanto ao manejo, atenção, compreensão da situação vulnerável dos pacientes, agilidade no atendimento e evolução como futuro profissional. (E10)

A inexperiência foi um dos principais fatores de ansiedade para os estudantes, porém no decorrer do processo de aprendizagem e a notável evolução no manejo e cuidado da PCD, o medo fez-se coragem e segurança, trazendo realização pessoal e profissional aos estudantes.

Sei que no projeto, enfrentaremos muitas dificuldades, mas eu me sentirei realizada em poder participar dessas atividades e também conhecer sobre o ambiente de atendimento no HU e um pouco mais sobre a disciplina de pacientes especiais e, quem sabe, continuar estudando e me especializando nessa área mais tarde. (E2)

O medo é apenas um detalhe, pois durante o atendimento ele não existe, fica apenas a vontade de fazer algo por aquele paciente e família. (E2)

Com certeza, após formada, poderei lidar melhor com esse público. (E6)

As experiências vividas na extensão proporcionaram aos estudantes a quebra do paradigma por poderem vivenciar um atendimento em ambiente hospitalar, além de ter despertado nos o interesse pela especialidade após a graduação.

### **Categoria: Angústias do aluno frente a PCD.**

Na categoria descrevem-se as angústias dos estudantes frente a PCD. Os participantes relatam que a ansiedade e a insegurança de causar dor e sofrimento estão presentes ao iniciar o projeto de extensão. Não possuir experiência e lidar com uma situação nova, trouxe aos alunos receio de não fazer o melhor possível naquela situação.

Mesmo com as dificuldades de cada caso, espero desenvolver habilidades frente ao atendimento. Também espero desenvolver sensibilidade frente aquele paciente que precisa de atendimento, para que seja possível entender o que o paciente está sentindo. Então, também espero me tornar um profissional que saiba lidar com esses distúrbios, eu acho que o projeto é o primeiro passo para isso. (E9)

A realização de procedimentos restauradores com resultado estético, restauração mais bonita, trabalhar com o paciente sedado, não conseguir a comunicação adequada dependendo da condição do paciente, causar hemorragias, dificuldade para anestésiar conforme alterações anatômicas e a necessidade de um atendimento mais rápido, porém ainda eficaz, são alguns dos medos que os estudantes enfrentaram antes de iniciar o projeto de extensão.

Eu acho que o que mais me deixa preocupada é se eu vou conseguir lidar com as diferentes situações, se vou ter capacidade suficiente para realizar o melhor para o paciente. (E9)

As preocupações frente aos atendimentos seriam de conseguir colocar em prática uma odontologia humana. Controlar minha ansiedade e cobranças frente situações inesperadas. Além de estar com receio do novo ambiente de trabalho que seria o HU. Atender pacientes em sedação talvez seja uma das preocupações devido ser algo desconhecido. (E8)

Outro medo que possuo é quanto a pacientes com distúrbios de coagulação que tenham hemorragia durante o procedimento, porém tenho consciência que a equipe está apta a resolver isso e também que estaremos dentro do hospital, qualquer coisa o paciente terá o suporte necessário. (E1)

Minhas preocupações são mínimas, pois eu sei que terei apoio de ótimos profissionais, os quais me darão o suporte necessário sempre que eu precisar. (E1)

Em contrapartida, estarem em um ambiente hospitalar com suporte médico necessário e uma equipe de professores e profissionais eficientes e dispostos para intervir em situações imprevistas, trouxeram aos estudantes conforto para iniciar os atendimentos as PCD, ainda que no primeiro dia de atividades no projeto de extensão.

### **Categoria: Humanização do cuidado as PCD.**

A categoria procura descrever a preocupação com a humanização do atendimento odontológico as PCD. Saúde e qualidade de vida são temas abordados pelos estudantes como ferramenta de uma odontologia capaz de transformar as vidas dos pacientes.

Acho importantíssimo aprender a atender esse tipo de paciente, para quando um surgir na porta do meu consultório eu souber me virar e realizar o tratamento, possibilitando que o mesmo tenha saúde e qualidade de vida. (E1)

Eu acredito na odontologia que faz a diferença, na odontologia que muda a vida das pessoas, portanto, para mim, seria incrível trabalhar com esses pacientes. (E2)

A experiência, a motivação e a visão do paciente como um todo foram adquiridos durante o projeto de extensão por esses estudantes, ampliando seus horizontes e sendo fundamental para sua vida profissional, não apenas na assistência as PCD, mas na odontologia de forma geral.

O projeto trouxe a vivência do todo. Do paciente além do cuidado odontológico, além da sua condição. Trouxe o cuidado com a pessoa, do que ela sente e de como vê o mundo. (E7)

Aprendi que podemos trabalhar com essas pessoas, diferenciando o atendimento a fim de atender aquela necessidade. Após a extensão pude enxergar diferente (com menos medo) esse público. (E6)

Desenvolvemos um olhar humano voltado às pessoas especiais. (E4)

A humanização do atendimento tem como meta a especificidade do paciente, sua história e seu contexto familiar, o que o torna único. O cuidado singular a cada paciente, já anteriormente negligenciados, tem papel fundamental na fidelização e na confiança adquirida ao longo do tratamento.

**Quadro 1** – Categorias analíticas e seus respectivos códigos.  
Florianópolis, 2018.

<b>DA PERSPECTIVA DO PCD</b>	
<b>CATEGORIA</b>	<b>CÓDIGO</b>
Aproximação com as especificidades do atendimento odontológico aos PCD	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Foi muito importante para mim essa vivência, uma vez que, durante minha vida, tinha convivido muito pouco com portadores de necessidades especiais</li> <li>• Acompanhar um atendimento de paciente assim para se um dia isso ocorrer fora da faculdade saber agir</li> <li>• Aprender com as dificuldades</li> <li>• Aprender um pouco a mais sobre esse universo incrível que até esse semestre era tão distante do meu</li> <li>• Acho importantíssimo aprender a atender esse tipo de paciente</li> <li>• É uma oportunidade para desenvolver algumas habilidades técnicas-clínicas, o relacionamento e cuidado com o paciente que apresentam condições únicas</li> <li>• Manejos diversos de cada distúrbio</li> <li>• Considerando a heterogeneidade dos distúrbios NPM</li> <li>• Espero conseguir colocar em prática o conhecimento teórico para conseguir realizar um bom trabalho</li> <li>• Mesmo com as dificuldades de cada caso, desenvolver habilidades frente ao atendimento</li> <li>• Desafio de encontrar a melhor maneira de manejar cada paciente diante de tal heterogeneidade</li> <li>• Conhecer mais sobre a especialidade</li> <li>• A área de PNE sempre foi uma área que chamou atenção devido aos recursos necessários para o atendimento e a necessidade de uma equipe multi/interdisciplinar</li> </ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ter presenciado enquanto acadêmica de fisioterapia a negligência de muitos setores em relação a esses pacientes, independente do distúrbio NPM apresentado</li><li>• Querendo perder o medo dos atendimentos</li><li>• Ganho de agilidade no atendimento clínico</li><li>• Ter adquirido maior segurança para cuidar de um público que muitas vezes é negligenciado e esquecido</li><li>• Exercer os procedimentos em um ambiente estressante e durante o movimento dos pacientes foi um desafio grande, mas que se tornou mais habitual ao longo do semestre</li><li>• Nível de conforto ao lidar com esse tipo de paciente aumentou</li><li>• Aprender a trabalhar sobre pressão</li><li>• Manuseio do paciente especial</li><li>• Trabalhar sob movimentação constante do paciente</li><li>• Trabalhar com um tempo relativamente menor de consulta</li><li>• Trabalhar com sedação</li><li>• Prever onde o paciente pode sentir dor mesmo não falando ou esboçando muitas reações</li><li>• Quebra do paradigma em que o PNE precisa necessariamente ser atendido em um ambiente especial, e não num consultório convencional</li><li>• Aprender a atender em condições em que o paciente não é 100% colaborador, com uso de afastador, com língua em constante movimento, com barulho</li><li>• Sentir-se mais confiante para realizar as atividades sozinha</li><li>• Perder o medo de atender pacientes com</li></ul>
--	--



	<p>alguma deficiência, em cadeira de rodas</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Perder medo do uso de medicamentos “incomuns”</li><li>• Considerar-se mais tranquilo para atender pacientes especiais</li></ul>
<p>Angústia do aluno frente ao PCD</p>	<ul style="list-style-type: none"><li>• Medo de esquecer de alguma característica da síndrome e cometer um erro que cause dor e/ou sofrimento para o paciente</li><li>• Nem sempre realizar a restauração mais bonita</li><li>• Pensar que fez o melhor para aquela situação, resolvendo o problema do paciente, isso que importa</li><li>• Medo de pacientes com distúrbios de coagulação, que tenham hemorragia durante o procedimento</li><li>• Equipe está apta a resolver problemas</li><li>• Estar dentro do hospital, qualquer coisa o paciente terá o suporte necessário</li><li>• Apoio de ótimos profissionais, os quais me darão o suporte necessário sempre que eu precisar</li><li>• Acreditar que enfrentará inseguranças</li><li>• Preocupações que se relacionam com a execução de técnica</li><li>• Receios quanto a anestesia em pacientes de difícil estabilização</li><li>• Preocupação é com a saúde do paciente, tendo em vista não possuir experiência e habilidades ainda estão em desenvolvimento</li><li>• Necessidade de melhorar embasamento teórico, para sentir-se seguro frente à um paciente de risco</li><li>• Estudando e preparando-se para os atendimentos</li><li>• Preocupação com o relacionamento e vínculo criado com o paciente</li></ul>

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Curiosidade frente as diversas síndromes desconhecidas no mundo da odontologia</li><li>• Certa ansiedade para que os protocolos e planejamentos saiam como esperados</li><li>• Guardar e fixar o conhecimento de cada distúrbio</li><li>• Controlar minha ansiedade e cobranças frente situações inesperadas</li><li>• Estar com receio do novo ambiente de trabalho que seria o HU</li><li>• Atender pacientes em sedação talvez seja uma das preocupações devido ser algo desconhecido</li><li>• Não estar preocupada ou ansiosa já que tenho plena confiança na equipe que estará nos apoiando</li><li>• Como alguns distúrbios prejudicam a comunicação, há o receio de não entender o que o paciente está sentindo</li><li>• Em algumas situações há alterações anatômicas, espero saber contorná-las para que não prejudique o atendimento</li><li>• Mobilização do paciente para que seja possível realizar o atendimento também me preocupa</li><li>• Receio de demorar demais nos procedimentos e acabar não realizando o que estava proposto para aquele dia (deixando o paciente cansado e estressado)</li><li>• Conseguir lidar com as diferentes situações</li><li>• Se vai ter capacidade suficiente para realizar o melhor para o paciente</li><li>• Preocupação e certamente quanto ao comportamento dos pacientes</li><li>• Maior preocupação é não conseguir concluir o atendimento programado</li><li>• Ficar com receio de ser um pouco mais incisiva quando necessário</li></ul>
--	---

	<ul style="list-style-type: none"><li>• Dificuldade de trabalhar sob pressão que deixa um pouco ansiosa</li><li>• Não ter a destreza necessária</li><li>• Frente a alguma preocupação/adversidade não saber como lidar e continuar o procedimento</li><li>• Ferir algum paciente</li><li>• Receio em ter alguma atitude errada, não saber lidar com as situações adversas e diferentes da rotina até hoje</li></ul>
Humanização do cuidado ao PCD	<ul style="list-style-type: none"><li>• Acreditar na odontologia que faz a diferença, na odontologia que muda a vida das pessoas</li><li>• Possibilitando que o mesmo tenha saúde e qualidade de vida</li><li>• Devolver saúde, qualidade de vida e função para essas pessoas que muitas vezes são deixadas de lado por vários profissionais</li><li>• Que possamos realizar um atendimento de qualidade, focado na pessoa e de forma mais humanizada possível</li><li>• Atender as expectativas desse paciente</li><li>• Criar um elo de confiança para seu atendimento, que este queira colaborar e junto com seus entes melhorar a saúde deste</li><li>• As preocupações frente aos atendimentos seriam de conseguir colocar em prática uma odontologia humana</li><li>• Também espero desenvolver sensibilidade frente aquele paciente que precisa de atendimento</li><li>• Que seja possível entender o que o paciente está sentindo</li><li>• Preocupação frente a possíveis reações dos pacientes</li><li>• Grande vontade de aprender mais a cuidar e dar atenção merecida a esses pacientes</li></ul>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entender, principalmente, que cada paciente é único</li> <li>• Fica apenas a vontade de fazer algo por aquele paciente e família</li> <li>• Mas sempre é possível fazer algo pelo paciente, pois para eles, mesmo poucas coisas fazem a diferença</li> <li>• Não menos importante: desenvolvemos um olhar humano voltado às pessoas especiais</li> </ul>
--	---

### 3.2 DA PERSPECTIVA DO ALUNO

#### **Categoria: Ampliação das oportunidades profissionais.**

Esta categoria aborda as oportunidades profissionais que o projeto de extensão trouxe aos estudantes. A falta de profissionais especializados ou que se dizem aptos a atender esse perfil de pacientes é significativamente menor do que a demanda com necessidade de assistência. No estado de Santa Catarina, encontra-se apenas 25 cirurgiões-dentistas especialistas em PCD.

A demanda existe mas não está sendo assistida, na minha opinião, pois há falta de profissionais que se sintam capazes de atender essas pessoas. E eu não quero ter que dizer que não vou atender, sabendo que esse não é por conta do modo de não saber lidar com eles. (E1)

Os estudantes que participaram do projeto de extensão, ao iniciarem no mercado de trabalho, terão maior afinidade quando o assunto for PCD. Por terem vivenciado situações infrequentes na rotina dos atendimentos clínicos da UFSC e por terem desenvolvido a capacidade de discussão e compreensão das necessidades de cada paciente, baseados em artigos científicos, tornaram-se capazes de julgar a necessidade de atendimento ou de referenciar o paciente para um serviço especializado, quando não consideraram-se aptos a realizar o atendimento.

Hoje em dia já percebo que muitos pacientes que são encaminhados a atenção especializada, são

encaminhados sem necessidade, pois o dentista na atenção básica, deveria ser capaz de atender. (E6)

Com o estágio, pude conviver com realidades completamente diferentes da minha, percebendo as dificuldades e as vitórias das famílias dos pacientes. (E2)

Muitas barreiras foram quebradas, muitos paradigmas e medo a respeito desse atendimento foram desfeitos, descobri um mundo novo no qual foi criada uma faísca de interesse pela área. (E5)

O interesse pela especialidade, o ganho de agilidade ao decorrer do semestre, a particularidade de cada paciente e de cada atendimento, o contato com os familiares e cuidadores, despertou em alguns estudantes o desejo de se tornarem cirurgiões-dentistas especialistas em PCD após a graduação.

### **Categoria: Contribuição da extensão na formação do aluno de graduação.**

A presente categoria descreve como o contato com o projeto de extensão via ex-participantes do projeto e a disciplina obrigatória de OPNE, ofertada na oitava fase do curso de graduação em odontologia da UFSC despertou o interesse em integrar a equipe multidisciplinar e multiprofissional composta por alunos e professores e o efeito destes na formação acadêmica dos estudantes inscritos no projeto.

Colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas de pacientes especiais. Além disso, gostaria de aprender um pouco a mais sobre esse universo incrível que até esse semestre era tão distante do meu e que eu me aproximei tanto durante as aulas. (E1)

A autonomia de atendimentos odontológicos proposta pelos professores e o ganho de capacidade de compreensão de artigos científicos foram peças importantes no desenvolvimento do estudante e na elaboração de uma linha de raciocínio particular, para individualizar cada atendimento conforme as carências de cada paciente.

Liberdade para atendermos pacientes com algum tipo de anormalidade. (E4)

O projeto consistia em leitura de artigos científicos, discussão em grupo prévia aos atendimentos clínicos, os quais ocorrem, durante um período por semana. Tal estruturação nos permite entender de modo mais amplo a situação clínica que as pessoas aqui atendidas apresentam, assim como as mudanças e cuidados necessários a cada perfil de paciente durante o atendimento odontológico. (E3)

Os acadêmicos encontraram desafios antes não vivenciados nas disciplinas da graduação, como lidar com: a dificuldade de comunicação e na aceitação do tratamento por parte do paciente. Contudo, com a intervenção da equipe multiprofissional, houve ganho para o paciente ao realizar o tratamento; igualmente para os estudantes e profissionais envolvidos, pela troca de experiências.

Após a disciplina de Pacientes Especiais, cresceu ainda mais o meu desejo de conhecer e participar do projeto de extensão. Acredito que ali, todos os dias, enfrentarei minhas inseguranças e, ao final do dia, sentirei que cresci não apenas na técnica, mas principalmente como ser humano. (E2)

Nos últimos meses percebi que sou capaz de mais do que imaginava, de que o trabalho em equipe é fundamental. (E2)

Com o projeto de extensão pude vivenciar algo diferente daquilo oferecido pelo currículo regular da graduação. Pude aprender a lidar melhor com pacientes que grande parte dos profissionais não sabe lidar. Aprendi que devemos pelo menos tentar atender esses pacientes, antes de encaminhá-los a atenção especializada. (E6)

Acredito que o estágio é uma oportunidade única, onde teremos a oportunidade de entrar em contato com limitações que fogem da normalidade do dia-a-dia da clínica da UFSC. E isso, no meu ponto de

vista, nos trará um aprendizado enorme para a nossa vida profissional. (E4)

Participar de um projeto que vai além do currículo formal da graduação do curso, diminuiu o nível de preocupação dos estudantes. Ampliou sua visão frente as PCD, tornando-os mais confiantes para atender esse público e realizar encaminhamentos para áreas especializadas, quando não sentirem-se aptos ao atendimento, na vida profissional.

### **Categoria: O que o aluno leva para a vida.**

A categoria aborda como o projeto de extensão agregou conhecimento, técnica e valores humanos aos estudantes inscritos. As dificuldades e vitórias presentes nas histórias de vida de cada paciente e suas famílias e/ou cuidadores, reacendeu nos participantes uma percepção de vida que muitas vezes é esquecida durante a agitação do dia-a-dia clínico vivenciado nas disciplinas obrigatórias da graduação.

O projeto trouxe a vivência do todo. Do paciente além do cuidado odontológico, além da sua condição. Trouxe o cuidado com a pessoa, do que ela sente e de como vê o mundo. (E7)

A insegurança e o medo dos estudantes por não estarem em suas zonas de conforto, trouxe ansiedade. Todavia, o anseio para fazer o melhor pelo paciente, aprender e melhorar técnicas foi um propulsor para enfrentar o desconhecido. Ao longo do projeto, o medo durante o atendimento deu espaço para a confiança, barreiras e paradigmas frente aos procedimentos e as PCD foram desfeitos.

Encarar com maior naturalidade às diferenças e tirar delas experiências pessoais e profissionais para colaborar no crescimento tanto pessoal quanto profissional. (E5)

A experiência do projeto de extensão que ocorreu no período de um semestre (quatro meses), foi relativamente curto. Contudo, houve significativo progresso profissional. Os estudantes encerraram o projeto sentindo-se mais capazes de atender, ou ao menos tentar atender esse público após formação acadêmica, ao longo de sua carreira como cirurgiões-dentistas formados.

Acredito que se trata de uma experiência que, apesar de ser relativamente pequena, traz-me um ganho profissional significativo. De maneira geral, aprendemos a conduzir uma consulta de um paciente especial e a classificar o grau de dificuldade para o atendimento. (E4)

Após a entrada no estágio mudou completamente minha visão sobre a profissão, sobre o atendimento de pacientes especiais sinto mais confiante para realizar as atividades sozinha e reconhecer quando não sou capaz de atender sozinha e preciso encaminhar para atendimento especializado. (E5)

Houve um grande ganho de valores humanos, realização pessoal e profissional. Ao final do dia de atendimentos, os estudantes sentiam-se progredindo tanto em técnica, quanto como seres humanos.

**Quadro 2** - Categoria analítica e seus respectivos códigos.  
Florianópolis, 2018.

<b>DA PERSPECTIVA DO ALUNO</b>	
<b>CATEGORIA</b>	<b>CÓDIGO</b>
Ampliação das oportunidades profissionais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Quando um PNE surgir na porta do consultório, “saber me virar” e realizar o tratamento</li> <li>• Não querer dizer que não vai atender, sabendo que não é por não saber lidar com eles</li> <li>• Na minha cidade não há nenhum especialista nessa área</li> <li>• Todos os dentistas que eu me consultei ou acompanhei, não vi nenhum paciente especial/sindrômico nas salas de espera</li> <li>• A demanda existe, mas não está sendo assistida</li> <li>• Há falta de profissionais que se sintam capazes de atender essas pessoas</li> </ul>



	<ul style="list-style-type: none"><li>• Ter a vivência de como é ser dentista dentro do hospital, oportunidade que não teve até hoje</li><li>• Atender pacientes especiais como oportunidade de preencher uma lacuna na prática odontológica</li><li>• Animação para superar essas dificuldades e levar essas experiências para a vida profissional</li><li>• Conhecer sobre o ambiente de atendimento no HU e um pouco mais sobre a disciplina de pacientes especiais</li><li>• Continuar estudando e me especializando nessa área mais tarde</li><li>• Aprendizado enorme para a vida profissional</li><li>• Essa heterogeneidade possibilita ampliar a visão e conhecimento sobre cada particularidade</li><li>• Tornar-se um profissional que saiba lidar com esses distúrbios</li><li>• Experiências que agregarão muito, principalmente quanto ao manejo, atenção, compreensão da situação vulnerável dos pacientes</li><li>• Agilidade no atendimento e evolução como futuro profissional</li><li>• Ampliar minha visão de atendimento aos pacientes especiais, dificuldades, lidar com a família do paciente</li><li>• Entender que sozinha é pequena, mas que trabalhando em equipe pode-se fazer muito por esses pacientes</li><li>• Permite entender de modo mais amplo a situação clínica que as pessoas aqui atendidas apresentam, assim como as mudanças e cuidados necessários a cada perfil de paciente durante o atendimento odontológico</li><li>• Aprender a conduzir uma consulta de um</li></ul>
--	---

	<p>paciente especial e a classificar o grau de dificuldade para o atendimento</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O conforto e preocupação sempre estarão presentes, porém, através da experiência adquirida, pode-se atenuá-los e contorná-los</li> <li>• Mudar completamente minha visão sobre a profissão</li> <li>• Poder lidar melhor com esse público que a maioria dos profissionais não sabem lidar</li> <li>• Após formado, poder lidar melhor com esse público</li> <li>• Devemos pelo menos tentar atender esses pacientes, antes de encaminhá-los a atenção especializada</li> <li>• Descobrir um mundo novo no qual foi criada uma fásca de interesse pela área</li> <li>• Como dentistas devemos fazer o possível para atendê-los, antes de encaminhá-los</li> <li>• Muitos pacientes que são encaminhados a atenção especializada, são encaminhados sem necessidade, pois o dentista na atenção básica, deveria ser capaz de atender</li> <li>• Poder trabalhar com essas pessoas, diferenciando o atendimento, a fim de atender a sua necessidade</li> </ul>
<p>Contribuição da extensão na formação do aluno de graduação</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Após a disciplina de pacientes especiais, cresceu ainda mais o desejo de conhecer e participar do projeto de extensão</li> <li>• Colocar em prática os conhecimentos adquiridos nas aulas teóricas de pacientes especiais</li> <li>• Ter tido contato com pessoas que já realizaram o estágio</li> <li>• O relato que foi passado sobre o estágio foi o melhor possível tanto da parte da organização, como na parte de termos a</li> </ul>

	<p>liberdade para atendermos pacientes com algum tipo de anormalidade</p> <ul style="list-style-type: none"><li>• Oportunidade única de entrar em contato com limitações que fogem da normalidade do dia-a-dia da clínica</li><li>• O conhecimento adquirido por toda a equipe contribui no projeto com suas diferentes visões, será de grande valor</li><li>• Vontade de entrar e atender pacientes especiais, que neste momento considero um desafio</li><li>• Frente aos atendimentos odontológicos, conseguir se comunicar</li><li>• É algo que foge um pouco da situação de atendimento que acontece ao longo da graduação</li><li>• Por ser mais incomum, será mais desafiador, pois até então os pacientes atendidos na graduação não mostraram problemas quanto a aceitação de tratamento/atendimento</li><li>• O funcionamento de uma equipe composta por diversos profissionais de áreas distintas é certamente um ganho aos pacientes que será assistido como um todo e aos profissionais envolvidos pelas trocas de experiências</li><li>• Querer fazer parte dessa equipe maravilhosa</li><li>• Aprender a trabalhar em equipe em prol do paciente</li><li>• Conviver com realidades completamente diferentes da minha</li><li>• O trabalho em equipe é fundamental</li><li>• Maior capacidade de leitura de artigos científicos</li><li>• Reconhecer quando não é capaz de atender sozinha e precisa encaminhar para atendimento especializado</li><li>• Vivenciar algo diferente daquilo</li></ul>
--	---

	<p>oferecido pelo currículo regular da graduação</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• O nível de preocupação que tinha antes mudou</li> <li>• Poder enxergar diferente (com menos medo) esse público</li> </ul>
<p>O que o aluno leva para a vida</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Um ótimo jeito de aprender a ser mais humana e crescer/amadurecer com a história de vida dessas pessoas</li> <li>• Fazer o bem e aprender tudo que for possível</li> <li>• Ao final do dia, sentir que cresceu não apenas na técnica, mas principalmente como ser humano</li> <li>• Considerar incrível trabalhar com esses pacientes, pois cada um seria um desafio, devido as suas particularidades</li> <li>• Enfrentaremos muitas dificuldades</li> <li>• Sentir-se realizada em poder participar dessas atividades</li> <li>• Aprender um pouco com cada ser humano que será atendido</li> <li>• Uma vez que cada um agregará de forma imensurável, por sua própria personalidade e pela condição que apresenta</li> <li>• Percebendo as dificuldades e as vitórias das famílias dos pacientes</li> <li>• O medo é apenas um detalhe pois durante o atendimento ele não existe</li> <li>• Perceber ser capaz de mais do que imaginava</li> <li>• Sentir confiança em atender casos mais simples, pelo menos, e em casos mais difíceis pelo menos tentar</li> <li>• Oportunidade de viver situações que tiraram da “zona de conforto”</li> <li>• A experiência obtida não foi apenas profissional, mas também de grande</li> </ul>

	<p>valor humano</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>• Ter contato tanto com os pacientes quanto com seus cuidadores foi um aprendizado a cada nova história</li> <li>• Trata-se de uma experiência que, apesar de ser relativamente pequena, traz um ganho profissional significativo</li> <li>• Muitas barreiras foram quebradas, muitos paradigmas e medo a respeito desse atendimento foram desfeitos</li> <li>• Conseguir melhorar muito o defeito [perfeccionismo]</li> </ul>
--	---

#### 4 DISCUSSÃO

De acordo com os resultados encontrados nesse estudo, observou-se que a aproximação com as especificidades do atendimento odontológico as PCD geram ansiedade aos estudantes de graduação em odontologia. Como a área apresenta particularidades no manejo de cada paciente, os alunos sentiram-se receosos em praticar os conhecimentos obtidos em aulas teóricas durante o curso de graduação. As aulas expositivas não foram o suficiente para garantir a segurança no atendimento clínico, visto que, as técnicas de realização dos procedimentos ainda estão em desenvolvimento nos alunos de graduação.

Para Lage *et al.* (2017) no momento que o curso passa a exigir que os estudantes desenvolvam habilidades práticas, a metodologia de aulas puramente expositivas, em que o professor é o “detentor” do conhecimento, não se faz tão eficaz quanto as metodologias ativas, em que os alunos treinam suas habilidades. Sendo assim, para os alunos a atividade de extensão foi uma ferramenta importante para preencher a lacuna entre as aulas teóricas e as atividades clínicas de atendimento odontológico as PCD.

Para Fadel, Baldani (2013) formandos do curso de odontologia da Universidade Estadual de Ponta Grossa apontam as disciplinas clínicas, clínicas integradas e multidisciplinares como as mais importantes. Porém, reconhecem a importância das disciplinas básicas, estágios supervisionados, participação em projetos de pesquisa e

extensão e o desenvolvimento do trabalho de conclusão de curso para sua formação integral e generalista.

Segundo Faé *et al.* (2016) demonstraram que na década de 1970, nasceram os serviços de extensão, com o objetivo de atender a comunidade, juntamente com o ensino e a pesquisa, formando assim o tripé das Instituições de Ensino Superior (IES) e promovendo mudanças políticas, institucionais e legais nas universidades. Desse modo, estágios supervisionados, projetos de pesquisa e extensão têm o intuito de desenvolver no estudante a prevenção, promoção e reabilitação da saúde de seu paciente individualmente e também no âmbito coletivo (LAGE *et al.*, 2017). A realização de atividades fora da universidade proporciona aos alunos contato com a comunidade, aumentando a percepção do acadêmico sobre a realidade social.

Os achados desse estudo apontam que os estudantes de odontologia durante a graduação têm angústias ao contanto com a PCD. A pouca ou nenhuma experiência com os atendimentos odontológicos dessa população os preocupa quanto ao trabalho sob pressão, sob movimentação constante do paciente, variações anatômicas que possam existir, tempo relativamente menor de consulta, trabalho com sedação, aceitação do paciente ao tratamento, ambiente estressor e incomum do hospital, o relacionamento e a comunicação muitas vezes dificultada ou inexistente com o paciente. Todas essas angústias culminam na principal preocupação: a saúde integral do paciente, visto que o objetivo é oferecer o melhor tratamento odontológico possível, resguardando-os da dor e/ou sofrimento. Segundo Perusini *et al.* (2016), a falta ou a pouca experiência com o manejo da PCD atinge a porcentagem de 70% do total de 92 alunos entrevistados da *Faculty of Medicine and Dentistry* em Toronto, Canadá, enquanto 7% declaram boa experiência e apenas 6% grande experiência. Desses, conclui-se que 46% não sente-se confortáveis ao atendimento odontológico da PCD.

Ainda que muito já tenha sido feito em função ao tratamento das PCD, os currículos estão progredindo lentamente em função a mudança demográfica acentuada dessa população, podendo não ser suficiente para suprir essa demanda. Segundo Subar *et al.* (2012), o desenvolvimento das habilidades odontológicas são necessárias para cuidar das PCD, sendo assim, é papel das IES manter atualizada a formação dos graduação frente às demandas crescentes dessa população.

Os cursos de graduação em odontologia têm a responsabilidade de ensinar teórica e tecnicamente para o atendimento da PCD e oferecer a supervisão de professores e/ou monitores capacitados para essa atuação. O estudo de Clemetson *et al.* (2012) demonstrou que 80% das

54 escolas nos Estados Unidos e Porto Rico, responderam “definitivamente sim” ou “provavelmente sim” à importância de despendar mais tempo ao ensino do tratamento de PCD.

A técnica de execução dos procedimentos clínicos foi um dos fatores que mais gerou ansiedade nos participantes. No entanto, o presente estudo verificou que ao finalizarem o projeto de extensão, os estudantes sentiram-se capazes de desenvolver uma odontologia humanizada. No decorrer dos atendimentos, os alunos puderam ter contato com as histórias de vida de seus pacientes, familiares e/ou cuidadores. Esse contato íntimo com as histórias de dificuldades de acesso a serviços de saúde, de tratamentos odontológicos negligenciados por profissionais despreparados e da incerteza de encontrar um serviço capaz de suprir suas demandas odontológicas, foram suavizadas pelas histórias de coragem, de luta, mas acima de tudo, de perseverança dos pacientes, familiares e/ou cuidadores de conquistar o direito da PCD. Sendo assim, os alunos puderam desenvolver um olhar humanizado da OPCD, progredindo não apenas na execução dos procedimentos, mas também como seres humanos. A experiência obtida pelo projeto de extensão favoreceu o crescimento profissional com grande valor humano.

Também foi identificado nesse estudo que as vivências no projeto modificaram o olhar do estudante sobre a sua futura profissão, especialmente a especialidade de OPCD. A atividade de extensão foi primordial para o contato com essa população vulnerável, agregando conhecimento quanto ao manejo, atenção, agilidade e compreensão desse público. As PCD demandam de algumas particularidades em seu atendimento, no entanto, no decorrer do processo de aprendizagem oferecido pelo projeto de extensão, os estudantes perceberam que não há necessidade de capacitação prévia ao atendimento desses pacientes, sendo necessário apenas seus conhecimentos já adquiridos durante a graduação em odontologia. Embora seja preciso ter uma inclinação para especializar-se na área, os alunos constataram que mesmo sem ela, são capazes de solucionar a maioria das situações clínicas em que se deparam. Essa percepção trouxe confiança e anseio pelo atendimento odontológico que poderão prestar as PCD quando formados, fora dos muros da universidade, em seu dia-a-dia clínico.

Graduandos participantes de atividades clínicas com PCD, tendem a aumentar sua disponibilidade ao atendimento dessa população. A hipótese abordada pelo presente estudo e afirmada nos estudos de Perusini *et al.* (2016); Watters *et al.* (2015); Chavéz *et al.* (2011) demonstra que os níveis de conforto e anseio para o tratamento

continuará ascendente com o incentivo de atividades extracurriculares, em que os alunos são os protagonistas, podendo perdurar após a graduação, em sua vida profissional.

O projeto de extensão do Ambulatório de Atendimento para DNPM, contribuiu de forma conjunta no âmbito profissional e pessoal para o aluno de graduação. Essa soma ocorreu pelos conhecimentos teóricos prévios promovido pela disciplina de OPNE, pela discussão de artigos científicos durante o projeto e também pelas vivências clínicas e contato direto com os pacientes desde o primeiro dia de atendimento. Os atendimentos prestados pelo Ambulatório no NOH/HU contaram com a supervisão de professores e monitores capacitados na área e também por uma equipe multiprofissional. Essa reunião de saberes enriqueceu a experiência já vivida na graduação e ampliou os horizontes dos estudantes do último ano de faculdade. O entendimento da importância do atendimento odontológico de qualidade da PCD contribuiu para que os alunos sintam-se preparados para solucionar a maioria dos casos, podendo assim, ser futuros profissionais que evitarão encaminhamentos desnecessários resolvendo, talvez, uma parcela importante de atendimentos na atenção primária de saúde. No entanto, alunos que tiveram mais oportunidades de tratar PCD durante sua jornada universitária, relataram tratar significativamente mais desta população em sua rotina de trabalho como cirurgiões-dentistas formados (CHÁVEZ *et al.*, 2011)

Watters *et al.* (2015) demonstraram que os alunos entrevistados perceberam que não necessitam de nenhum treinamento especial além de sua graduação em odontologia prévia para tratar PCD, não necessitando encaminhá-los a serviços especializados e/ou hospitalares para procederem com o atendimento, e mesmo atuando com pouca cooperação por parte do paciente e em um ambiente mais turbulento que as clínicas de seu cotidiano, solucionaram a maioria dos casos com seus conhecimentos básicos adquiridos na graduação. Palestras e leituras mostraram-se boas ferramentas para o aprendizado aos cuidados as PCD, otimizando a prática odontológica e aumentando a eficácia dos atendimentos prestados, valorizando a atenção a saúde bucal da PCD.

Outro resultado encontrado nesse estudo foi a vasta contribuição do projeto de extensão na vida do estudante. Os alunos reportaram que sentiram que o projeto os enriqueceu tanto na técnica, quanto como seres humanos, pois muitos paradigmas e medos referentes aos atendimentos no início do projeto foram quebrados. As situações de atendimento que tiraram os alunos de suas “zonas de conforto” foram importantes para seu crescimento, o desenvolvimento da autoconfiança



os fez perceberem serem mais capazes do que imaginavam em sua conduta clínica, fazendo com que o medo passasse a ser inexistente ao decorrer do projeto. O encorajamento a pelo menos tentar atender casos mais complexos fora do ambiente universitário, tendo empatia pelo paciente, familiares e/ou cuidadores, considerando suas histórias de vida. Ainda que tenha sido uma curta experiência, trouxe significativo ganho profissional.

## **5 CONCLUSÃO**

Estudantes do curso de odontologia da UFSC participaram de um projeto de extensão destinado ao atendimento odontológico de PCD, especificamente, com DNPM. Neste estudo, avaliou-se a percepção dos estudantes sobre o impacto do projeto de extensão na sua formação profissional e pessoal. Uma vez inseridos na atuação de tratamentos odontológicos para PCD, os alunos desenvolveram habilidades técnicas e científicas para manejo e cuidado dessa população e puderam ter contato direto com os conhecimentos teóricos apresentados nas aulas de PCD oferecidas no currículo regular do curso de graduação em odontologia.

A participação dos estudantes no projeto agregou experiência teórica e clínica ao currículo regular. Melhorias foram evidentes no aspecto de aquisição de confiança e conforto para a atuação odontológica. Além disso, desenvolveu seu olhar crítico as PCD e trouxe aptidão para o atendimento clínico dessa população após a formação na graduação.

Essa dinâmica ativa de ensino observada nas atividades extracurriculares teve grande aproveitamento por parte dos estudantes. Há perspectiva também de minimizar os encaminhamentos inadequados dessa população para o serviço especializado, solucionando os tratamentos com os conhecimentos básicos adquiridos durante a graduação.

## REFERÊNCIAS

1. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução CNE/CES 3, de 19 de fevereiro de 2002. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Odontologia. Diário Oficial da União 2002; 04 mar.
2. SILVEIRA, João Luiz Gurgel Calvet da; GARCIA, Vera Lúcia. Mudança curricular em Odontologia: significados a partir dos sujeitos da aprendizagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 19, n. 52, p.145-158, mar. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622014.0530>.
3. MARTINS, L. M. Ensino-Pesquisa-Extensão como fundamento metodológico da construção do conhecimento na universidade. Disponível em: [http://www.fmvz.unesp.br/Eixos/Eixo\\_2/ensino-pesquisa-extensao.pdf](http://www.fmvz.unesp.br/Eixos/Eixo_2/ensino-pesquisa-extensao.pdf). Acesso em: 18 jan. 2019.
4. TURATO, E.R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2003.
5. OLIVEIRA, Juliana Santos *et al.* Promoção de saúde bucal e extensão universitária: novas perspectivas para pacientes com necessidades especiais. **Revista Abeno**, Piauí, p.63-69, 2015.
6. BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Diário Oficial da União. Seção I, p.27834-27841.
7. PENHA, Elizandra Silva *et al.* Caracterização do componente curricular Odontologia para Pacientes com Necessidades Especiais nos cursos de Odontologia do estado da Paraíba. **Revista da Abeno**, v. 18, n. 2, p.13-19, 5 abr. 2018. Associação Brasileira de Ensino Odontológico (ABENO). <http://dx.doi.org/10.30979/rev.abeno.v18i2.423>.
8. SPEZZIA, Sérgio; BERTOLINI, Silvia Regina. Dental teaching for special patients and health management. **Journal Of Oral**

- Investigations**, v. 6, n. 1, p.85-98, 4 ago. 2017. Complexo de Ensino Superior Meridional S.A.
9. FASSINA, Ana Paula. **Análise das Disciplinas de Pacientes Portadores de Necessidades Especiais nas Faculdades de Odontologia no Brasil em 2005**. 2006. 153 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Odontologia, USP, São Paulo, 2006.
  10. FERREIRA, Simone Helena *et al.* Percepção de estudantes de graduação em Odontologia frente ao atendimento de pessoas com deficiência. **Revista Abeno**, Canoas, v. 1, n. 17, p.87-96, 2017.
  11. Resolução Conselho Federal de Odontologia (CFO) – 25/2002, p. 2. Diário Oficial da União. Seção I, de 28/05/2002. p. 148-9.
  12. POLLI, Virgínia Annett *et al.* Dental Management of Special Needs Patients: A Literature Review. **Global Journal Of Oral Science**, Florianópolis, v. 2, p.33-45, 2016.
  13. PREVITALI, Elisangela Fernandez. Perfil dos Pacientes com Necessidades Especiais Atendidos em uma Instituição de Ensino Superior Privada. **Pesquisa Brasileira em Odontopediatria e Clínica Integrada**, v. 12, n. 1, p.77-82, 1 mar. 2012. APESB (Associação de Apoio a Pesquisa em Saúde Bucal). <http://dx.doi.org/10.4034/pboci.2012.121.12>.
  14. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Análise dos resultados: pessoas com deficiência. p.71-80, 2010. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd\\_2010\\_religiao\\_deficiencia.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf). Acesso em: 22 mar. 2019.
  15. Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. **Protocolo facultativo à convenção sobre os direitos das pessoas com deficiência**. p.53-54, 2012. Disponível em: <https://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/convencaoopessoascomdeficiencia.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2019.
  16. Organização Mundial da Saúde – OMS. **Relatório Mundial**

- sobre a Deficiência.** p.1-360, 2011. Disponível em: [https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020\\_por.pdf;jsessionid=8A55A5E538540A4093455F7BA22CACCC?sequence=4](https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=8A55A5E538540A4093455F7BA22CACCC?sequence=4). Acesso em: 24 mar. 2019.
17. FAÉ, Jeusa Maria *et al.* A integração ensino-serviço em Odontologia no Brasil. **ABENO**, Espírito Santo, v. 3, n. 16, p.7-18, 2016.
  18. FADEL, Cristina Berger; BALDANI, Márcia Helena. PERCEPTIONS OF DENTISTRY COURSE GRADUATES ABOUT THE NATIONAL CURRICULUM GUIDELINES. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p.339-354, 2013.
  19. PERUSINI, Darsi J. *et al.* Dental Students' Clinical Expectations and Experiences Treating Persons with Disabilities. **Journal Of Dental Education**, Alberta, v. 80, n. 3, p.301-310, mar. 2016.
  20. SUBAR, Paul *et al.* Pre-and Postdoctoral Dental Education Compared to Practice Patterns in Special Care Dentistry. **Journal Of Dental Education**, San Francisco, v. 76, n. 12, p.1623-1628, dez. 2012.
  21. WATTERS, Amber L. *et al.* Incorporating Experiential Learning Techniques to Improve Self-Efficacy in Clinical Special Care Dentistry Education. **Journal Of Dental Education**, New York, v. 79, n. 9, p.1016-1023, set. 2015.
  22. CLEMETSON, Jonathan C. *et al.* Preparing Dental Students to Treat Patients with Special Needs: Changes in Predoctoral Education After the Revised Accreditation Standard. **Journal Of Dental Education**, Dallas, v. 76, n. 11, p.1457-1465, nov. 2012.
  23. CHÁVEZ, Elisa M. *et al.* Perceptions of Predoctoral Dental Education and Practice Patterns in Special Care Dentistry. **Journal Of Dental Education**, San Francisco, p.726-732, jun. 2011.

24. LAGE, Ramayana Heringer *et al.* Ensino e Aprendizagem em Odontologia: Análise de Sujeitos e Práticas. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 41, n. 1, p.22-29, jan. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1981-52712015v41n1rb20150155>.
25. NUNES, Ana Lucia de Paula Ferreira. A extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Mal-estar e Sociedade**, Barbacena, v. 7, n. 4, p.119-133, 2011.
26. JACOMINE, Juliana Carvalho *et al.* Saúde bucal e Pacientes com Necessidades Especiais: percepções de graduandos em Odontologia da FOB-USP. **Revista da Abeno**, v. 18, n. 2, p.45-54, 27 abr. 2018. Associação Brasileira de Ensino Odontológico ABENO. <http://dx.doi.org/10.30979/rev.abeno.v18i2.434>.





## ANEXO A – Ata de apresentação do trabalho de conclusão de curso.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE  
CURSO DE ODONTOLOGIA  
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE ODONTOLOGIA

### ATA DE APRESENTAÇÃO DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 21 dias do mês de maio de 2019, às 08:00 horas,  
em sessão pública no (a) auditório do CCS desta Universidade, na presença da  
Banca Examinadora presidida pelo Professor

Alessandra Rodrigues de Camargo

e pelos examinadores:

1 - Mariáh Luz Lisboa

2 - Maria del Rosario Níñez Ruiz

o aluno Erica de Jesus

apresentou o Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação intitulado:

Odontologia para pacientes com necessidades especiais: percepção de es-  
tudantes sobre a participação em atividade de extensão.

como requisito curricular indispensável à aprovação na Disciplina de Defesa do TCC e a integralização do Curso de Graduação em Odontologia. A Banca Examinadora, após reunião em sessão reservada, deliberou e decidiu pela Aprovação do referido Trabalho de Conclusão do Curso, divulgando o resultado formalmente ao aluno e aos demais presentes, e eu, na qualidade de presidente da Banca, lavrei a presente ata que será assinada por mim, pelos demais componentes da Banca Examinadora e pelo aluno orientando.

Alessandra Rodrigues de Camargo  
Presidente da Banca Examinadora

Maria del Rosario Níñez Ruiz  
Examinador 1

Mariáh Luz Lisboa  
Examinador 2

Erica de Jesus  
Aluno



## ANEXO B – Comitê de ética em pesquisa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** Estudo de Pacientes Atendidos no Ambulatório de Distúrbios Neuropsicomotores: Instituição de um Banco de Dados

**Pesquisador:** Alessandra Rodrigues de Camargo

**Área Temática:**

**Versão:** 3

**CAAE:** 89584518.0.0000.0121

**Instituição Proponente:** Universidade Federal de Santa Catarina

**Patrocinador Principal:** Universidade Federal de Santa Catarina

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 2.941.143

#### Apresentação do Projeto:

Trata o presente projeto, intitulado "Estudo de Pacientes Atendidos no Ambulatório de Distúrbios Neuropsicomotores: Instituição de um Banco de Dados", de uma pesquisa submetida pela Prof. Alessandra Rodrigues de Carvalho, que assina a folha de rosto como pesquisador responsável juntamente com a Prof. Daniela Lemos Carceri, subchefe do Departamento de Odontologia/CCS/UFSC. Trata-se de um estudo observacional, cujo tamanho amostral é 174, que pretende buscar informações em prontuários médico e odontológico, a partir dos atendimentos odontológicos especializados realizados no Projeto de Extensão intitulado "Ambulatório de Atendimento Odontológico para Distúrbios Neuropsicomotores" do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para montagem de um banco de dados. Neste ambulatório são atendidos pacientes com diagnósticos diversos, tais como Autismo, Síndrome de Down, Síndrome de Moebius, Paralisia Cerebral, Acidente Vascular Encefálico, entre outros, e que possuem necessidades de tratamento restaurador, endodôntico, cirúrgico (oral menor), estomatológico, periodontal e de laserterapia, dentro do contexto da especialidade de pacientes com necessidades especiais. Os participantes que frequentam o referido ambulatório são submetidos a uma avaliação de saúde geral, avaliação de saúde bucal, avaliação de comportamento e avaliação de deglutição. Após as 4 etapas desta avaliação inicial, o plano de tratamento mais apropriado é elaborado, sendo que este

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 2.941.143

pacientes atendidos.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

De acordo com o que foi citado no TCLE apresentado:

**DESCONFORTOS E RISCOS ESPERADOS:** A coleta de informações será baseada na entrevista realizada para o início do tratamento odontológico no "Ambulatório de Atendimento Odontológico para Distúrbios Neuropsicomotores", com base na ficha clínica utilizada no projeto. Tal entrevista pode causar desconforto, ou mal estar psicológico ao participante, pais e/ou cuidadores. Para que estes riscos não aconteçam será garantido a você o direito de não responder qualquer item do questionário aplicado na entrevista, desde que o mesmo não prejudique o planejamento odontológico que será realizado.

**BENEFÍCIOS:** O presente estudo poderá ajudar no conhecimento geral de doenças sistêmicas (como síndromes por exemplo), comportamentos de participantes, no conhecimento de doenças bucais que podem acometer pacientes com distúrbios neuropsicomotores, e tratamentos de doenças bucais identificadas.

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pode contribuir para o conhecimento generalizável sobre o tema.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos de apresentação incluídos: Projeto de pesquisa detalhado, Formulário PB, TCLE, Termo de Assentimento, Folha de Rosto, Cronograma, Carta de anuência do Hospital Universitário, Orçamento.

**Recomendações:**

Sem recomendações.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Considerando que todas as pendências indicadas foram devidamente atendidas, não há nenhuma inadequação no presente processo.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400  
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 2.941.143

plano considera técnicas de treinamento psicoeducacional, técnicas de estabilização ou sedação.

**Objetivo da Pesquisa:**

**Objetivo geral:**

O presente projeto tem como objetivo geral levantar informações a partir dos atendimentos odontológicos especializados realizados no Projeto de Extensão intitulado "Ambulatório de Atendimento Odontológico para Distúrbios Neuropsicomotores" do Curso de Odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina, para montagem de um banco de dados.

**Objetivos específicos:**

- Realizar um levantamento epidemiológico do perfil demográfico, bem como dados sobre a origem das diversas doenças sistêmicas (ex. mutações genéticas);
- Identificar a prevalência de doenças raras e comuns de pacientes atendidos no projeto de extensão;
- Identificar a prevalência das diferentes modalidades terapêuticas – atendimento odontológico sem sedação, com sedação via oral e sob anestesia geral – empregadas para realização de tratamentos odontológicos com base nas escalas balisadoras de Houpt e Frank;
- Identificar a prevalência de doenças bucais vistas e tratadas na população de pacientes atendida no projeto de extensão;
- Identificar a prevalência dos diferentes tipos de tratamentos odontológicos executados;
- Levantar informações sobre o grau de satisfação e impacto de qualidade de vida dos pacientes atendidos bem como de seus familiares e cuidadores;
- Estabelecer diretrizes para implementação de projetos de educação e prevenção de doenças bucais;
- Levantar evidências e fornecer subsídios para o delineamento de futuros projetos de pesquisa de natureza clínica e laboratorial;
- Produzir material didático fotográfico para atividades de ensino, extensão e pesquisa;
- Estimular o desenvolvimento e validação de instrumentos de aquisição e coleta de dados;
- Aperfeiçoar as condições de ensino, formação e desenvolvimento de alunos, sejam estes graduandos e/ou pós-graduandos, e professores.
- Analisar as condições de deglutição e o risco de aspiração dos pacientes atendidos;
- Verificar as condições de saúde bucal e suas relações com a funcionalidade da deglutição dos

**Endereço:** Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
**Bairro:** Trindade **CEP:** 88.040-400  
**UF:** SC **Município:** FLORIANOPOLIS  
**Telefone:** (48)3721-6094 **E-mail:** cep.propesq@contato.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 2.941.143

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_P ROJETO_1104609.pdf	19/09/2018 10:40:18		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Resposta_pendencias_2.docx	19/09/2018 10:38:30	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Resposta_pendencias_neuro.docx	29/08/2018 15:44:38	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Termo_assentimento.pdf	29/08/2018 15:43:06	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_revisado.pdf	29/08/2018 15:42:40	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Macroprojeto_neuro_revisado.pdf	29/08/2018 15:42:14	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Documento_HU.pdf	13/05/2018 19:26:35	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	18/04/2018 11:32:55	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Outros	Orcamento.docx	18/04/2018 11:32:47	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	18/04/2018 11:31:48	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Macroprojeto_Neuro.pdf	18/04/2018 11:31:27	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito
Folha de Rosto	FR_assinada.pdf	18/04/2018 11:30:53	Alessandra Rodrigues de Camargo	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

Endereço: Universidade Federal de Santa Catarina, Prédio Reitoria II, R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 401  
 Bairro: Trindade CEP: 88.040-400  
 UF: SC Município: FLORIANOPOLIS  
 Telefone: (48)3721-6094 E-mail: cep.propesq@contato.ufsc.br